

# O sábio e a imagem

Estudos sobre Plutarco e a arte

**Carlos Alcalde Martín &  
Luísa de Nazaré Ferreira (coords.)**

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

**ALEXANDRE ENTRE PAIXÕES FEMININAS E MASCULINAS:  
DIGRESSÕES PLUTARQUIANAS PELO CINEMA**  
(Alexandre Between Female and Male Passions: Plutarchian Digressions in  
the Cinema)

NUNO SIMÕES RODRIGUES (nonnius@fl.ul.pt)  
Universidade de Lisboa

**RESUMO** – Este estudo aborda a representação da sexualidade de Alexandre no cinema, mais especificamente nos filmes de Rossen (1956) e de Stone (2004). Partindo da vida plutarquiana, os argumentos filmados não prescindiram contudo de elementos referidos por outras fontes antigas, adaptando os enredos ao gosto e interesses das épocas que os produziram. Depois de uma análise do papel das figuras femininas na vida de Alexandre, faz-se o estudo da presença de personagens masculinas e das relações erótico-amorosas que mantiveram com o general macedónio, concluindo-se que, apesar de a problemática do amor e da sexualidade não ser um tema maior nas biografias antigas de Alexandre, as leituras modernas da vida do general não prescindiram do tema, variando as leituras e representações com o gosto das audiências contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Plutarco, *Vida de Alexandre*, cinema, sexualidade, recepção.

**ABSTRACT** – This paper studies Alexander's sexuality representation in the cinema, more specifically in the films by Rossen (1956) and Stone (2004). Based on the Plutarchian *Life of Alexander*, these movies did not yet renounce to elements mentioned by other ancient sources, adapting the plots to the taste and interests of the times that produced them. Thus, after a review of the role of the women in the life of Alexander, the author also studies the presence of the male characters and the erotic-amorous relationships the Macedonian general kept with them. Despite Love and Sexuality are not major themes in ancient biographies of Alexander, modern readings of the general's life did not renounce to the issue, by making readings and representations according to the tastes of contemporary audiences.

**KEYWORDS:** Plutarch, *Life of Alexander*, cinema, sexuality, reception.

São sobretudo duas as produções cinematográficas que, até hoje, têm Alexandre III da Macedónia como personagem central do seu enredo. A primeira, *Alexander the Great*, é datada de 1956 e portanto coeva de outros grandes filmes dedicados à Antiguidade, como *Quo Vadis* (M. LeRoy, 1951), *The Ten Commandments* (C. B. DeMille, 1956) e *Ben-Hur* (W. Wyler, 1959). Trata-se de uma realização e produção de R. Rossen, que escreveu igualmente o argumento, com Richard Burton como protagonista. A segunda, simplesmente chamada *Alexander*, é mais recente, estreou há precisamente uma década, e é de Oliver Stone, com Colin Farrell no papel titular<sup>1</sup>. Em 1968, surgiu uma produção homónima da de

---

<sup>1</sup>Há outros filmes em que Alexandre da Macedónia aparece, mas que são menos conhecidos: *Sikandar*, produção indiana de 1941, realizada por Sohrab Modi; *Megalexandros*, produção

1956, mas originalmente concebida como telefilme ou episódio-piloto para série televisiva. Esta foi dirigida por Phil Karlson e interpretada por William Shatner<sup>2</sup>. Para este estudo, porém, centramo-nos nas produções de 1956 e de 2004, aquelas em que, como assinalámos noutra trabalho<sup>3</sup>, a presença de Plutarco e da sua *Vida de Alexandre* são mais evidentes.

De um modo geral, e sem desconsiderar outras fontes, os argumentos em parte escritos pelos próprios realizadores seguem com bastante fidelidade a estrutura do texto plutarquiano. Em algumas sequências, encontramos mesmo citações que radicam directamente em Plutarco, demonstrando a importância do autor grego na composição dos argumentos<sup>4</sup>. Por conseguinte, é igualmente perceptível nos filmes o papel que o biógrafo grego confere às relações sentimentais e amorosas na vida do estadista macedónio. Assim, desde logo se confirma pela óptica dos realizadores de cinema a ideia, já presente em Plutarco, de que Alexandre seria “pouco sensível, no que dizia respeito aos prazeres do corpo, gozando-os com enorme sobriedade” (*Alex.* 4.8). De facto, podemos afirmar que a representação que Rossen e Stone oferecem de Alexandre Magno, sobretudo a do primeiro, é a de um homem sóbrio e contido, sem grandes momentos de paixão, em particular de natureza heterossexual, escapando por isso ao estereótipo do herói cinematográfico *main stream*. O Alexandre do cinema faz assim jus a Plutarco, para quem o general “não ambicionava prazeres nem riquezas, mas apenas méritos e glória” (*Alex.* 5.6).

O papel do amor e da sexualidade na vida de Alexandre foi recentemente analisado em pormenor por A. M. Chugg (2006) e D. Ogden (2009, 2011) e importa recordá-lo para analisarmos com mais eficácia a sua presença ou ausência no cinema, i.e. as opções que os cineastas tomaram no momento da representação do general.

Baseando-se nas várias fontes disponíveis para o estudo da vida de Alexandre da Macedónia, e não apenas em Plutarco, D. Ogden reuniu as várias personagens citadas nos textos, com as quais se sugere que o general macedónio terá mantido em algum momento da sua vida um tipo de relação amorosa, sentimental ou simplesmente sexual. Assim, Ogden alinha uma série de nomes de indivíduos de ambos os géneros, colocando Roxana, Estatira, Parisátis, Barsine, Tais, Calixena e Campaspe do lado das mulheres e Heféstion, Bagoas, Excipino e Heitor do lado dos homens<sup>5</sup>. Num último capítulo, e ainda que não propriamente relacionado de forma directa com os amores de Alexandre, mas de temática pertinente para

---

franco-italo-alemã de 1980, realizada por Theo Angelopoulos; e *The Search for Alexander the Great*, documentário dramatizado de 1981, com Nicholas Clay (Alexandre) e Jane Lapotaire (Olimpia). Ver Rodrigues 2010: 152-153.

<sup>2</sup> Trata-se de um episódio-piloto para uma série que nunca chegou a ser comercializada. Ver Shahabudin 2010: 92-93.

<sup>3</sup> Rodrigues 2010: 152-173.

<sup>4</sup> Ver Shahabudin 2010.

<sup>5</sup> Ogden 2011: 124-173.